

A ESPANHA E A CRISE

A crise econômica tem muitas facetas, porque, quando se instala, emergem suas outras componentes, muitas delas mais subjetivas e difíceis de serem compreendidas e resolvidas. Não se trata, apenas, de discutir índices e políticas de ação para diminuir o déficit ou amainar o desemprego. O que se passa na cabeça das pessoas com a crise é, muitas vezes, menos racional do que pode se imaginar ou, ao menos, do que se esperaria.

Um primeiro ponto que tem peso nesta dinâmica é a imprensa. Fico me perguntando se são suficientemente bem informados na proporção do peso que têm na formação da opinião pública. Não me refiro aos bons artigos de articulistas dos jornais, estes que estão nas páginas dois ou três, assinados por seus autores, mas sim às manchetes da primeira, que são lidas até mesmo pelos que não vão comprar os jornais. Neles, os assuntos são, no momento, a crise (ainda ela), os imperativos da União Europeia (sempre associados às ordens da Alemanha) e o descrédito nos políticos espanhóis, agora exacerbado por um conjunto (outro!) de denúncias sobre corrupção, que envolve mais de um partido, deputados e ministros.

Se, na Catalunha, tudo isso compõe um caldo que favorece o discurso separatista (embora saibamos que não haveria alteração importante na economia e na política), em outras regiões, pelas quais passamos (Navarra, Castilla e Aragón), a possível solução não se formula e nem se expressa por meio do desejo de que haja uma fragmentação do Estado Espanhol. Ao menos não se percebe isso.

Há, no entanto, algo que parece ser um problema comum a toda Espanha, pois ele me sensibilizou em várias situações e em diferentes lugares: qual será o destino dos imigrantes, que vieram para cá, na década de 1990? Eles chegaram atraídos pelas oportunidades oferecidas pelo grande crescimento econômico neste país, sobretudo apoiado no setor de serviços que é o que, no capitalismo atual, demanda mais mão de obra. E, agora, há lugar para eles? Se a taxa de desemprego está, em média, nos 25%, eles não estariam sobrando? Os imigrantes querem voltar para seus países, tendo em vista a crise na Espanha?

Estas perguntas sou eu quem formula, como uma forasteira que olha de fora e acha que é capaz de supor alguma explicação, mas ao conversar com um e outro, por aqui, vejo que as opiniões, ao menos as enunciadas, revelam outras facetas da problemática. Evidentemente, que o relato que faço aqui nada mais é do que um

conjunto de *flashes* que, talvez, não guardem qualquer coerência interna e, tampouco, são suficientes para se emitir uma opinião, mas como um diário de viagem não é um artigo e não tem pretensão outra que registrar o que me sensibiliza durante o percurso, me sinto à vontade para escrever sobre pequenas conversas ou observações feitas em quase dois meses de permanência na Espanha. Escrevo sem que a ordem implique em hierarquia ou tenha como objetivo estabelecer articulações entre as partes.



Estamos numa quarta feira de janeiro de 2013, um dia de trabalho comum. Embora já sejam 13h30 e haja dois brasileiros com fome, andando pelo centro de Madri, os restaurantes informam que só estarão abertos para o almoço às 14h [Por que os espanhóis almoçam tão tarde?].

Perto da Puerta do Sol, coração comercial da cidade, há um restaurante simpático, cujas fotos de carnes bem feitas, expostas na entrada, convidam a entrar. Sentamos nos banquinhos do balcão, que aqui eles chamam de barra e é uma instituição social importante: todo mundo passa por um bar, café ou restaurante e para na barra para um café, uma cerveja (que eles chamam de caña) e para petiscar (o que conceituam como comer tapas e pinchos). Pedimos o menu do dia. Olho para o pessoal que está trabalhando e, imediatamente, vendo-o, suponho que o churrasqueiro que prepara a carne deve ser brasileiro. Começamos a conversar e, logo sabemos que ele é da Paraíba, o garçon do Paraguai e a garçonete do Equador. Perguntamos como chegaram lá e cada um tem sua história. O paraibano disse que foi para São Paulo, lá começou a trabalhar no Restaurante Rubayat, que montou uma filial na Espanha, oportunidade de ele emigrar para este país, juntamente com a empresa. Dela, pulou para o restaurante onde estamos almoçando que é de argentinos e já tem oito unidades na Espanha [A carne estava ótima!]. Perguntamos como viam a crise e os três confirmaram que a *“coisa está brava”*, mostrando o restaurante ainda vazio, já às 14h15. Quando indagados, se têm vontade de voltar para seus países de origem, os três foram categóricos em dizer: *“Não! porque aqui é, mesmo com a crise, muito melhor”*. Os argumentos principais foram: paga-se melhor para trabalhos como garçon e cozinheiro que, no Brasil ou no Paraguai, valem pouco, argumentam; seus filhos terão estudo melhor, lembram em seguida; moram longe, mas num instante estão no centro de trem e metrô. Eles têm toda razão, estes motivos são mesmo relevantes, mas me pergunto o que pensam disso os espanhóis que estão sem emprego.



Entramos, em Lleída, no que chamam aqui na Espanha, de “lojas de chinos”. Elas estão por toda parte e se parecem um pouco com as lojas de 1,99 no Brasil, mas são muito melhores, porque ali há de tudo – de chinelo a balde, de baton a panela de pressão, de camisola a casaco para o inverno pesado. Estamos à procura de coisinhas que nos faltam e que vamos usar por dois meses e deixar na Espanha. Escolhemos um par de chinelos de três euros, um abajur de oito, uma saboneteira de dois, aparelho descartável para barba, uma jarra para cafeteira etc. Andamos pelas prateleiras perdidos no meio de tanta quinquilharia e com vontade de colocar na cesta tudo que aparece, já que é muito barato, comparativamente a entrar no Carrefour a 100 metros daqui e procurar pelas mesmas coisas. No caixa na porta da loja, está o proprietário, um senhor chinês que não fala espanhol. Andando atrás de nós, com passos curtos e rápidos, ajudando a encontrar o que precisamos e se comunicando ainda mal em espanhol, uma jovem de 20 anos que suponho seja a filha dele. A cada informação que ela nos dá, vem um sorriso simpático, sobretudo quando o produto é colocado na cestinha. Depois de 15 minutos interagindo, resolvi perguntar há quanto tempo está na Espanha e me surpreendo quando ela responde: *“Oito anos”*. Para quem fala tão mal o espanhol, achei tempo demais. Como adoro esticar conversa, retruquei: *“Então você já é quase espanhola!”*, pois achei que seria o mais agradável a ser dito, uma vez que os jovens sempre gostam de se adaptar aos lugares e não parecerem mais estrangeiros. Ela fechou o sorriso que exibia até então e respondeu secamente: *“Sou chinesa!”*. Achei que era hora de parar a conversa e sai da loja supondo mil coisas: ela é ensinada na família a ser patriota; ela é estigmatizada pelos espanhóis na escola, por isso reafirma sua condição chinesa; ou nada disso, pois ela apenas quis informar que é chinesa e ponto final.



Estamos hospedados num hotel que ocupa um antigo convento em Pamplona. As pessoas que nos atendem não se parecem em nada espanhóis. A garçonete loira do período da noite, vendo nosso sotaque, pergunta se somos franceses e, ao respondermos que somos brasileiros, ela retruca toda animada, adotando a língua portuguesa. Assim, ficamos sabendo que ela vem do país vizinho, que os espanhóis, no plano do senso comum, acham que é apenas um pequeno apêndice da Espanha. Chama-nos atenção o fato de que ela tem uma pronúncia já abasileirada. Pergunto se já morou no Brasil e a resposta veio rápida: *“Não, mas minha irmã que mora na Suíça é casada com um brasileiro e conversamos sempre pelo Skipe. Como acho bonito o jeito dele falar, vou procurando aprender....!”*. Continuamos a conversa e ela, a cada vez que vem tirar um prato, trazer o outro, repor o pão, vai alimentando nossa curiosidade,

com suas respostas rápidas e diretas: *“O marido é o maître do hotel e ela, então, arrumou esse trabalho de garçoneiro”*. *“Nem pensar em voltar para Portugal, pois a crise lá é pior”*. *“Saiu de uma cidade pequena no norte do país e não se acostumaria a viver lá de novo”*. Pergunto se há funcionários espanhóis no hotel e ela é rápida no gatilho: *“Só o gerente, porque eles não querem fazer esses serviços que fazemos”*. Uma das recepcionistas é da Bulgária, a outra ela não consegue se lembrar de que país da América Latina vem. Na limpeza, há mais duas búlgaras, uma do Marrocos e uma cubana. E continua ela indo e vindo com suas bandejas e seu cabelo tingido de loiríssimo. Ficamos sabendo que se chama Helena e elogiamos a decoração do restaurante que fica na antiga capela do convento e, por isso, chama-se La Capilla. Eliseu brinca e diz que é ótimo dormir num convento e jantar numa capela, porque assim estamos sempre abençoados. Ela olha, ri, arregala os olhos e diz: *“Não sei não se um convento é abençoado, sei lá o que tem por esses corredores longos, o que essas monjas deixaram por aqui. Sempre tenho medo de que alguém vá me aparecer pela frente. Quando sou a primeira a entrar aqui, para fazer o café da manhã às 6h00, morro de medo e, por isso, venho sempre com um facão na mão”*. É muito engraçado supor que alguém ainda tem medo de assombração, mas Helena, destemida, que deixou seu país, não pensa em voltar, tem uma irmã na Suíça e um cunhado brasileiro, estando, portanto mais que globalizada, tem medo de assombração. Será que tem medo de enfrentar os espanhóis?

IV

Estamos hospedados no Mosteiro de Rueda, que tem, na atualidade, uma parte funcionando como hotel. Fica no sul da Região de Aragón, às margens do Rio Ebro. É um prédio magnífico, cuja decoração agora adaptada para hospedagem é também linda. Há poucos hóspedes, neste período de inverno, e como é um hotel do governo desta região, os empregados são espanhóis, porque são funcionários públicos. Na hora de fechar a conta, começo a conversa com o recepcionista, um rapaz de uns 40 anos que não deve ganhar tão pouco, porque tem a armação dos óculos muito elegante com a marca Giorgio Armani. Pergunto onde moram os funcionários do hotel, já que ali se está na área rural. Ele logo informa que o pessoal da limpeza mora nos *pueblos* próximos e que ele, o outro recepcionista, o chefe da cozinha e o gerente moram no hotel. Faço um cara de admiração e aquele Ahhhhhhhhh, esperando ele demonstrar se isto é bom ou não. Bom observador, enquanto prepara a fatura que devo pagar, tudo muito lentamente (reforçando nosso estereótipos sobre a ineficácia de funcionários públicos) e com muita educação, vai me explicando que não é nada bom, viver longe de tudo, pois a mulher e a filha estão em Zaragoza e ele só pode vê-las uma vez na semana. Concorro plenamente com ele, mas argumento que é um trabalho agradável, num lugar bonito e que, afinal..... (na expectativa de que ele se lembrasse que um

quarto dos espanhóis estão sem trabalho), quando ele para o que estava fazendo e me conta, com um ar de segredo: *“Minha vida é pior do que a de chino. Eles trabalham muito mesmo, isso é verdade, mas podem ir de um lugar ao outro e eu estou preso aqui”*. Explicou que tem um amigo chinês, que mora em Zaragoza e hoje já tem cinco lojinhas (chegou há 10 anos na Espanha) e passa o dia de uma para a outra, verificando tudo. *“Isso sim é uma maravilha, andar pela rua à vontade!”* Levanta os olhos da fatura que voltou a preparar e me pergunta se eu sei que os espanhóis gostam da rua e lhe digo que sim. Espera mais um pouco e elogia de novo os chineses porque trabalham muito, nunca estão por aí passeando pelas ruas, tomando um café como os espanhóis e vai desfilando suas opiniões sobre as diferenças entre ele e seu amigo chinês. Por fim, olha para mim e diz: *“A senhora sabe que eles têm uma válvula de escape?”* Eu, toda curiosa, disse que não, dando a deixa para ele falar: *“São viciados em jogo, por isso os cassinos estão indo tão bem na Espanha”*. Finalmente, a fatura está pronta tenho que pagar e não posso continuar a “pesquisar”, o que um espanhol acha que é injusto para ele, mas justo para um chinês e vice-versa. Esta pequena experiência me ajudou a lembrar que não há o imigrante se não houver o autóctone e que, é na relação entre eles, que a diferença, a indiferença, a discriminação ou a aceitação, a segregação ou a aculturação compõem um mosaico difícil de ser desvendado, porque um sentimento ou atitude não elimina os outros.

V

Final de tarde. A estação de trens de Barcelona está lotada. Há gente que passa apressada, os que esperam sua hora tomando um café ou uma cerveja, dezenas que olham mensagens no celular, alguns poucos que espiam as vitrines cheias de bugigangas, destas bobagens que só se compra, quando se está viajando. Aparentemente, há um espírito cosmopolita, porque se vê pessoas de todos os tipos culturais, de diversas condições sociais. Paira no ar essa indiferença típica da vida metropolitana, o que, num primeiro momento, apreendo como positivo – cada um na sua, ninguém controlando o jeito de ser do outro. No entanto, a necessidade de ir ao *toilette*, me oferece uma experiência muito diferente. A fila estava enorme e o banheiro era pequeno. Era impossível uma mulher não tocar a outra com o casaco, a sacola ou a pasta com laptop. Lá estavam: a muçulmana com a cabeça coberta, ao lado da filha que já usa jeans; a afrodescendente cheia de sacolas e já ressentindo o banho vencido; a típica mulher espanhola, com casaco de pele (mesmo que artificial), salto alto e rosto muito maquiado; a executiva magrinha, com jeito de francesa, com seu *tailleur* bem cortado; a turista vinda provavelmente dos países nórdicos, parecida com Janes Joplin e vestida como ela nos anos de 1960; para completar: uma brasileira se metendo a observar tudo isso e procurar uma explicação. A sensação de desconforto era notória. Neste ambiente tão pequeno e no qual seria preferível mais proteção à

nossa intimidade, todas as intolerâncias aparecem em pequenos gestos: fisionomias crispadas, portas fechadas com força, gente que sai sem lavar as mãos (ou porque não lava mesmo ou porque quer sair depressa desta situação de constrangimento), olhares de reprovação, indiferença ensaiada ou inveja. Chega a minha vez e antes mesmo que consiga cumprir meus objetivos neste ambiente (eram inicialmente bem mais rotineiros e imperativos, que fazer todas essas observações), deparo-me com uma entre os muitos recados escritos no lado de dentro da porta. Como todos sabemos, nas portas de banheiros, escreve-se de tudo: pornografia das mais bizarras, juras de amor, propaganda de telefones ou e-mails convidando fazer todo tipo de sexo, piadas, comentários sobre os funcionários que trabalham naquele ambiente (de preferência os chefes), críticas ao governo etc etc etc. Ali encontrei um recado muito bem escrito, em letras grandes para se deixar bem visível, num espaço já poluído pelo excesso de inscrições. Dizia: *“À merda esses catalães. Pensam que não são espanhóis, querem que falemos a língua deles, que não serve para muita coisa, nos tratam como inferiores e não admitem que não gostariam de fazer os serviços que fazemos. Que fiquem com a Catalunha, porque eu vou me embora!”*. Quem escreveu? Um espanhol? Um indiano? Um equatoriano? Teria aparecido esse desabafo quando a economia ia muito bem?

VI

Na área central de Lleida, do mesmo modo que observamos no centro de Tortosa, ambas cidades da Catalunha, considerada uma região menos atingida pela crise do que a Andaluzia e a Extremadura, há muitos imigrantes negros e de credo muçulmano que estão sem trabalho. Estão sempre em grupos de dois ou três, conversam alto e preenchem o espaço público com o seu “sem fazer nada”. Fico me perguntando por que ficam todo tempo nas ruas, se está frio. Há muitas hipóteses: moram em muitas pessoas em apartamentos pequenos dos setores degradados do centro destas cidades; preferem conversar entre os homens pelas ruas do que ficar em casa com mulheres e crianças; quem sabe, ficando nas ruas, aparece um trabalho, uma notícia; pode ser que um ou outro aproveite para fazer um ato não muito lícito... O que suponho é que a presença deles é muito ostensiva para os espanhóis, primeiro porque “proliferam” em ritmo geométrico, o que os europeus consideram uma ameaça demográfica e, em segundo, porque são a face mais perversa da crise – estão por aí, dizendo que este país e a própria Europa não estão dando tão certo como se imaginava que daria... Se eu conhecesse a língua deles, poderia também, nestes casos, começar uma conversa, mas entre nós, há um abismo: eu branca, ocidental e com jeitinho de cristã, sou também, para eles, “a outra”.

Fevereiro de 2013

Carminha Beltrão